

# Ensaio Bruxas

projeto de intervenção dos finalistas de Teatro e Educação da ESEC  
em colaboração com o Teatrão



DOSSIER DE APRESENTAÇÃO  
com FOTOS DE CARLOS GOMES

## Sinopse

Perante uma doença misteriosa, para a qual parece não haver nem causa nem cura naturais, instala-se na vila de Salem a mais terrível das verdades: a de que há bruxas no seu meio. Não tardam a surgir provas factuais a alimentar a fogueira do terror: confissões assinadas, vítimas com ferimentos e sequelas físicas, testemunhas oculares e presenciais de atos de bruxaria. É preciso purgar a vila no tribunal, mas o fogo do dedo acusador lava impunemente, ateando o medo e a paranoia na comunidade, e ameaçando reduzir a cinzas qualquer possibilidade de justiça.



## Salem é aqui e agora

A SOCIEDADE DE SALEM ERA “MORALMENTE” VOCAL. AS PESSOAS ENTÃO DECLARAVAM PRINCÍPIOS, PROCURAVAM VIVER POR ELES E MORRER POR ELES. QUESTÕES DE FÉ, CONDUTA, SOCIEDADE, PERMEAVAM AS SUAS VIDAS PRIVADAS DE UMA FORMA CONSCIENTE. BASTAVA-LHES DESAPROVAR PARA AGIR.

—ARTHUR MILLER

Hoje, no nosso mundo de androids e iphones, o mesmo exercício de “vocalizar” a nossa moral parece estar ao alcance de um *like*. As nossas redes sociais perfilam-se como autênticos *vomitória*, para onde acorremos na ânsia de declarar posições morais perante o prato do dia, sem grande questionamento sobre [a] quem serve a ementa.

Neste festim virtual do imediato, onde, como em Salem, nos basta “desaprovar para agir”, as questões éticas do livre-arbítrio reduzem-se a incómodos menores, com os quais lidamos com a mesma leveza com que se retira uma farpa do dedo. Pelo meio, substituímo-nos pelos nossos avatares, e arriscamos a experiência de deixar na mão de algoritmos toda a temperatura do nosso fervor individual – ainda que só ardamos o tempo de um fósforo.

Que outros riscos acarreta um processo assim, de combustão rápida, diário e autofágico, quando este se normaliza como vital para uma comunidade? Para onde se dirige a nossa atenção individual? Que papéis jogamos, onde nos inscrevemos nesta

história? E que consciência temos do custo de uma inscrição por procuração, ou *like*, para a nossa direção de atenção coletiva?

A leitura inicial da peça *As Bruxas de Salem* de Arthur Miller foi fundamental para alavancar o nosso processo. Em primeira instância, por nos colocar perante uma obra de ficção construída a partir de um episódio histórico, verídico, que ao longo dos tempos viu a qualidade da sua narrativa oficial alterar-se. Os julgamentos e condenações por bruxaria de 1692 em Salem deixaram cair, em poucas décadas, o epíteto de ação justa e legítima, e passaram a figurar nos anais da História como ação infame. Para o público de 1953 [como para o público de hoje], olhar para estes acontecimentos do séc. XVII era perguntar: *como foi possível?*

A peça, cuja primeira vida em cena coincide com o pico de notoriedade e poder do Comité de Atividades Anti-Americanas do senador Joseph McCarthy, planta uma lebre na consciência do seu público: a Salem de Miller sublinha, dos EUA dos anos 50 do século passado, a mesma política insidiosa de construção consciente do terror. À época, o medo desponta como uma febre, fruto da delação institucionalizada, esse dever patriótico sagrado que atesta o seu oficiante como “cidadão de bem” – quando, ao mesmo tempo, se revela loquaz instrumento de repressão, ameaça, vingança pessoal, manipulação e opressão.

Se o período do McCartismo ofereceu a Miller circunstâncias mais que férteis para a produção de pensamento crítico, também os nossos tempos no-lo fazem – e a produção de pensamento sobre o *aqui* e o *agora* em que nos inscrevemos é um objetivo estrutural do nosso trabalho. Podemos falar de bruxas hoje? Como se conhece uma bruxa hoje? Onde andam? Quem as anda a caçar? Com que agenda? E quanto tempo demorará até que, no futuro, os olhos se voltem para trás e as pessoas se perguntem: *como foi possível?*

Salem é uma vila.

Tem gente que se dá bem com um vizinho, mas que não se dá bem com o outro. Tem gente que quer mais da vida do que a vida dá. Tem gente que quer mais do vizinho do que o vizinho dá. Tem gente disposta a tudo para viver o melhor possível. Tem gente disposta a fazer qualquer coisa para ter a melhor vida da vila. A doença misteriosa que aflige a filha do reverendo é um barril de pólvora à espera de lume. E em Salem, não faltam faíscas para o atear.

Salem é um campo de luta, onde, em nome da integridade, grassa uma moral que se torce conforme a agenda de cada um e se pratica uma justiça que está longe de ser cega. Na batalha entre consciências, a vitória só pode caber a quem inventar a melhor verdade.

Salem é aqui e agora. E hoje, no nosso mundo virado do avesso – onde “oficial” se afasta a passos largos de “fiável”, onde a fronteira entre informação e propaganda se dilui à vista de todos, onde [ainda] se negam as realidades da Ciência, do racismo, da violência de gênero, do Holocausto – podemos até nem acreditar em bruxas, mas ninguém negará que o que não faltam são candidatos a acender o fogo. São as chispas do confronto de “verdades” que parecem alavancar as engrenagens da nossa consciência. E esta, ora se acicata, ora se aliena; ora desperta, ora adormece, consoante o fósforo que seguramos. Pode um fósforo fazer as vezes de fogueira?

É tempo de exercer pensamento crítico sobre aquilo que andamos a fazer, antes que pelas nossas próprias mãos, queimemos os nossos dedos e acordemos, como Salem, com a corda ao pescoço.



## Ensaio para um tempo de Bruxas



Somos alunos, miúdos, que um dia se viraram para os pais e, em jeito de brincadeira, mas com toda a seriedade de alma, disseram – escolho Teatro. Assumir que se quer viver do Teatro é assumir um compromisso com o desconhecido. Isto assusta? Assusta. Muito. Que o digam os nossos pais, que enquanto lhes escapava da boca “vai, sim”, nos seus olhos víamos refletida a angústia que lhes tomava o coração. Foi desta maneira que nos lançámos à estrada – filhos – do teatro.

Como alunos de teatro, a ementa do dia serve sempre o mesmo prato: resiliência. Vivemos há já um ano em pandemia: metade deste tempo, dedicámo-lo a este projeto de intervenção. Montanha-russa de paragens e reformulações e recolhimentos obrigatórios e confinamentos, a sua conclusão é a prova viva de que o único obstáculo que não se ultrapassa na vida é a morte.

Muito cedo nos preparámos para o pior, esperando o pior – até porque no Teatro o melhor ainda não se espera, sonha-se. E, de facto, a pandemia tirou-nos embalo, tirou-nos ensaios, tirou-nos o público, tirou-nos a assembleia de teatro, e ameaçou – atirando-nos, como a todo o país, no final de janeiro, para entre paredes – tirar-nos o rumo. Mas

pudemos mudar de calaboiço em março, e quando nos confinámos entre estas paredes do Pólo II da ESEC, nesse momento, pudemos parar e tomar consciência da nossa posição. Uma posição de privilégio.

Enquanto víamos ser castrada a vida dos nossos companheiros de teatro em Portugal, nós tínhamos um espaço, vozes e corpos apontados para criar vida. Tínhamos uns aos outros, tínhamos o nosso trabalho de meses, e tínhamos no sangue a vontade incessante de lutar pela nossa arte: não dizíamos uma palavra, não dávamos um passo, uma queda que fosse, que não estivesse impregnada desta consciência de privilégio.

Com o privilégio, veio a angústia – outra, bem diferente da que oprimia os corações dos nossos pais. É que, não ter uma estreia, uma data, não significou abandonar. Pelo contrário, significou aprofundar o pensamento, estudar e conhecer o que ainda não tinha sido descoberto.

Continuámos a construir o nosso *Ensaio Bruxas* com uma urgência de fazer chegar o nosso trabalho à comunidade. Atirámo-nos inteiros a um árduo caminhar que nos permitisse, dentro das restrições, fazê-lo: no meio às adversidades, decidimos utilizar uma câmara para registar o fogo que lutámos para acender no palco.

Pegamos em seis meses das nossas vidas, neste processo roda-viva, explodimo-lo, e tornamo-lo num objeto de hora e cinquenta que chegue aos pequenos ecrãs das pessoas com quem queremos falar.

Corpos despídos de pudores, verdades conflituosas e consciências inundadas de pecado, é o que vos trazemos deste palco onde nos arriscamos a construir uma alma humana maior do que alguma vez imaginámos possível.

Porque precisamos de, na vida, arriscar construir outros horizontes para aquilo que andamos a imaginar. E porque nós precisamos, na arte, para que o teatro prevaleça, para que este siga a sua senda de auxiliar a vida a pensar-se e a sonhar-se, de nos inscrevermos com urgência na luta contra o desespero e a opressão.

E se, no processo, nos cortarem a voz, aprenderemos a falar para os olhos; enquanto tivermos ânimo, o nosso fogo nunca se calará.

ceci n'est pas un théâtre. [isto aqui não é um teatro]



Caro público, sabemos-lo bem, estamos longe. Tão longe, no espaço e no tempo, que me atrevo a tratar-te por tu: acudir o encurtar de distâncias entre as nossas almas valerá o risco da insolência.

Afinal, em vez de num espaço comum, encontrar-nos-emos no teu ecrã privado; em vez de à hora marcada, encontrar-nos-emos no tempo por ti cedido entre lavares de loiça, passeios higiénicos, idas à varanda, etc. Não será um pulsar coletivo na plateia quem dirigirá a tua experiência, mas o teu próprio batimento cardíaco – e, quiçá, a tua tecla de pausa.

Deste lado estamos mancos, sabes? Da ausência da assembleia presencial, nasce-nos uma vertigem, um risco real, de nos esvaziarmos de função. Somos a arte que vive *do* e *no* nosso encontro: encontro físico, no espaço e no tempo; de gente que se junta a outra gente para rir junto, chorar junto, suspirar junto – e este ensaio conjunto de vida não pode existir aqui.

Porquê isto então? Fazer este registo audiovisual, editá-lo, e disponibilizar-to online: para quê agregar este complexo trabalho à [já árdua] tarefa de arriscar uma construção? Porquê fuçar até à exaustão alguma possibilidade de te pôr em contacto

com este ensaio, sabendo que não dispomos da mais fundamental das nossas condições, que é pôr-te a ti, junto com outros, em contacto connosco?

Porquê insistir? Não somos assim tão nobres, nem heroicos, nem ingénuos a ponto de não sabermos que o espetáculo que não acontece não faz falta a ninguém.

Se insistimos é por fé, eu acho.

Fé de que, se a vida consegue florir numa estrada de asfalto, vale a pena perseguir a quimera de nos encontrarmos. Fé, resgatada de último recurso aos movimentos da nossa infância, pelos quais imaginávamos a possibilidade de estarmos a fazer no imediato momento a mesma coisa que outra pessoa estaria a fazer do outro lado do mundo.

E fé de que esta coisa do teatro, ainda que amputada, tenha a ver menos com edifícios e anonimato no meio da multidão, e mais com ato de comunicação intangível entre cena e plateia: entre duas pessoas que nunca se viram, mas que no momento presente, têm tanto a dizer uma à outra.

Fé, esperança, vontade – é tudo com que hoje nos armamos para a refrega. O combate é o de sempre, contra o desespero humano. Não somos Hércules, caro público, nem o Chuck Norris: sozinhos não vamos lá. Precisamos de estar juntos, ainda que desta maneira manca.

Precisamos de ti.

A primavera aí está, a convidar a vida a irromper asfalto acima, a libertar-se do calaboiço do inverno. O momento parece propício: quem sabe se, caminhando juntos, ainda que à distância, não tropeçamos juntos no mesmo horizonte?

*Pedro Lamas, 26 março 2021*

## Ficha Técnica e Artística

**Título** – Ensaio Bruxas

**Texto** – do grupo, a partir de Arthur Miller e do episódio histórico da caça às bruxas de Salem em 1692.

**Interpretação** – Afonso Abreu, Andreia Gonçalves, Carolina Andrade, Cristiana Viola, David Meco, Diogo Simões, Ermelinda Alves, Inês Nunes, Joana Silva, Luís Esteves, Mariana Ferreira, Mário Canelas, Rita Fernandes, Rita Costa e Rodrigo Gonçalves.

**Direção** – Pedro Lamas

**Assistência** – Beatriz Antunes e Matilde Martinho

**Desenho de Luz** – Jonathan de Azevedo

**Direção Musical** – Cristina Faria

**Direção de Movimento** – Cristina Leandro

**Cenário e Adereços** – Andreia Gonçalves, Cristiana Viola, Rodrigo Gonçalves

**Figurinos e Guarda-Roupa** – Inês Nunes, Mariana Ferreira, Rita Fernandes

**Comunicação** – Ana Ermelinda Alves, David Meco, Joana Silva

**Atividades da Intervenção** – Luís Esteves, Mário Canelas

**Produção** – Afonso Abreu, Carolina Andrade, Diogo Simões, Rita Costa

**Grafismo** – Paul Hardman (Teatrão)

**Fotografia** – Carlos Gomes (Teatrão)

**Direção de Produção** – Isabel Craveiro (Teatrão)

**Apoio Técnico** – CIMAV Centro de Informática e Meios Audiovisuais (ESEC)

**Edição Vídeo** – Miguel Alves (CIMAV)

**Edição Som** – Gil Figueiredo (CIMAV)

**Classificação Etária** – M/16

**Duração** – 110 minutos aprox.

**Produção** – Curso de Teatro e Educação da ESEC em colaboração com o Teatrão (2021)

**Agradecimentos** – André Reis, Beatriz Vaz, Capicua, Catarina Carmo, Cristiana Amorim, Eva Tiago, Hélder Rafael, Joana Rodrigues, Lara Santos Silva, Maria Pandeirada, Trincheira Teatro, Virgínia Achique.

## Nota Breve sobre Arthur Miller

Arthur Miller (1915–2005) é um dos autores referenciais da dramaturgia norte-americana e ocidental do século XX. Autor premiado de peças, filmes e livros, distinguido com o prémio Pulitzer em 1949 pela sua obra *Morte de um caixeiro viajante*, Miller foi um homem de teatro inquieto, atento, e sobretudo um apaixonado questionador desta grande coisa que é o ser humano em sociedade.

Para Miller, o teatro é uma força séria, que merece ser encarado como algo que “torna ou deveria tornar o homem mais humano, que é como quem diz, menos sozinho”.



A SUA OBRA LEMBRA-NOS DE QUE O TEATRO DEVE SER UM LOCAL DE TRANSFORMAÇÃO, UM SÍTIO ONDE PODEMOS COLETIVAMENTE EXPLORAR AS FERIDAS DA SOCIEDADE, DESENTERRAR VERDADES DIFÍCEIS, E LUTAR COM EMOÇÕES HUMANAS DESORDENADAS.

—LYNN NOTAGE

Uma – senão a maior – das suas inquietações prendia-se com o modo como o ser humano lida com a consciência. A angústia de observar os vários aspetos desta matéria acompanha-o durante toda a vida, e vem a contaminar toda a sua obra, seja em tema, seja em forma, seja em função. Não é de admirar, portanto, que o processo de escrita de *As Bruxas de Salem* precipite algumas das suas maiores reflexões sobre o assunto.



## Informações e Contactos

O Teatrão

Oficina Municipal do Teatro

Rua Pedro Nunes, Qta. da Nora

TLF. 239 714 013

TLM. 912 511 302

Mail: [info@oteatrao.com](mailto:info@oteatrao.com)

[oteatrao.com](http://oteatrao.com)